



ENTREVISTA CARLOS REIS: ESPECIALISTA EM EÇA DE QUEIRÓS

Por Paulo Silva



Nascido em Angra do Heroísmo, no arquipélago dos Açores, em Portugal, Carlos Antônio Alves dos Reis é ensaísta e professor, formado em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra, onde se doutorou em Literatura Portuguesa (1983). Professor catedrático desde 1990, dedica boa parte de suas investigações à vasta obra de Eça de Queirós, tendo já publicado muitos livros e artigos a respeito da literatura queirosiana.

Nesta entrevista, apresentamos um pouco da vida, do percurso profissional e dos trabalhos desenvolvidos pelo especialista, tanto em Portugal quanto no Brasil. Além disso, tratamos também sobre relações existentes entre literatura e outras artes no contexto sócio-ideológico do século XIX em Portugal, e o legado que a literatura dessa época deixou no atual âmbito dos estudos literários e da língua portuguesa.

Paulo Silva – Sabemos que o Professor Carlos Reis é uma referência mundial para os estudos de literatura portuguesa, mais especificamente a que foi produzida no século XIX. O que o motivou a optar pelos estudos queirosianos e a se especializar nessa área? Poderia nos contar um pouco sobre o seu percurso profissional?

Carlos Reis – Correndo o risco de ser presunçoso, apetece-me dizer que foram os estudos queirosianos que me escolheram e não o contrário. Explico-me: aí pelos meus 14 ou 15 anos descobri, por puro acaso, Eça de Queirós, na altura em que, sem orientação nem sugestão de ninguém, calhou ler *A Capital*. Mal eu sabia então que esse era um romance que Eça deixara inacabado e que, depois da morte do escritor, um filho, de nome José Maria como o pai, tratou de “completar” e “emendar”. Depois, li *A Cidade e as Serras* e entrou em mim de vez o fascínio por um escritor que narrava com uma leveza insuperável; e também com uma graça cruzada com ironia, que ambas me revelavam uma visão do mundo com um brilho, com uma agilidade e com uma argúcia crítica que para mim eram (e foram) uma verdadeira revelação. Posso dizer que fiquei, como Eça aos pés de Antero, na Coimbra em que ambos se formaram, a

ler, num enlevo; “e para sempre assim me conservei na vida”. A vida, mais tarde, foi a vida universitária, em que fiz uma tese (de licenciatura) sobre Eça, com o título rebuscado e excessivo *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós*; a seguir, publiquei mais livros e mais artigos sobre esse extraordinário escritor. Sublinho: toda a vida tenho estudado Eça, sem que as exigências desse estudo tenham perturbado, por pouco que seja, o fascínio da minha adolescência. Este mantêm-se inalterado. O problema é que, para mim, toda a restante literatura (em particular a portuguesa) tende a ser comparada com Eça de Queirós. E a comparação dificilmente me revela uma palavra tão luminosa como a de Eça...

Paulo Silva – *Para além de pensar a literatura portuguesa do século XIX como muito representativa de um período de brilhante produção literária em Portugal, vale também correlacionar tal produção com as outras artes produzidas no mesmo século. Nesse sentido, em que medida é possível tecer uma relação semiótica entre a literatura queirosiana e outras artes no contexto sócio-ideológico do século XIX?*

Carlos Reis – Um escritor que, como aconteceu com Eça, esteve sempre muito atento à produção cultural do seu tempo, não podia deixar de articular a criação literária com as artes, com as ciências e com o pensamento do seu tempo. N’*O Crime do Padre Amaro* ou n’*A Cidade e as Serras*, obras tão diferentes e tão distantes entre si, isso é evidente. Mas a pintura e a música foram certamente aquelas artes a que Eça esteve mais atento e que frequentemente incorporou nas suas ficções e nos seus sempre pertinentes textos doutrinários e críticos. Basta lembrar que, em parte, Eça aprendeu a ser realista com a pintura de Courbet, mesmo não tempo observado *de visu* os quadros do grande pintor, antes, tendo tido notícia deles pela leitura de Proudhon. E há inúmeras descrições de Eça (por exemplo, n’*Os Maias*) em que ele é impressionista, sem disso se aperceber...

Paulo Silva – *Sabemos dos laços indissolúveis que unem Portugal ao Brasil (e vice-versa). Como o Professor considera que a literatura do século XIX contribuiu para a intensificação desses laços? Quais relações poderiam ser estabelecidas entre esses dois sistemas literários, tendo em vista sobretudo a produção artística desenvolvida em cada país naquela época?*

Carlos Reis – No século XIX, a literatura portuguesa teve uma projeção considerável no Brasil. Almeida Garrett e Alexandre Herculano foram escritores lidos e apreciados, pelas elites culturais de então. E também Eça de



Queirós, cuja popularidade se prolongou até hoje. Atualmente, a situação não é já essa. Mas escritores como Fernando Pessoa ou José Saramago (e mesmo alguns outros, digamos sem menosprezo, menores) continuam ainda a concitar uma atenção que, todavia, muitas vezes depende sobretudo das pulsões do mundo universitário. Importa dizer, entretanto, que a atenção que o mundo universitário dá a alguns escritores portugueses é muito importante para mantermos vivas as relações literárias entre ambos os países. Infelizmente, do lado de cá não temos retribuído, em relação à literatura brasileira, aquilo que no Brasil se faz, no respeitante à recepção da literatura portuguesa.

Paulo Silva – *Tendo em conta que o Professor Carlos Reis trabalhou com o espólio de Eça de Queirós, cujo projeto culminou na Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, perguntamos quais foram os critérios de análise para o espólio e quais objetos possibilitaram perceber melhor a mundividência queirosiana e a sua relação com a cultura do século XIX.*

Carlos Reis – A análise do espólio queirosiano – trabalho em que tive o apoio e o estímulo do meu mestre Ernesto Guerra da Cal e a ajuda direta da minha colega Maria do Rosário Cunha – foi um estádio fundamental de aproximação aos modos de escrever e de construir narrativas que em Eça podemos observar. A sequência natural desse trabalho (que resultou num livro, em co-autoria com aquela minha colega, intitulado *A Construção da Narrativa Queirosiana*, publicado em 1989) foi a edição crítica das obras de Eça, projeto desenvolvido com a colaboração de vários queirosianos e que resultou, até agora, na publicação de catorze títulos. O décimo quinto (*A Correspondência de Fradique Mendes*) está em vias de ser publicado. Com esses títulos e com o mais que falta publicar, podemos dizer que os textos de Eça estão restaurados (e bem precisados estavam...), até onde isso é possível, ao mesmo tempo que conhecemos agora melhor o seu processo criativo.

Paulo Silva – *Além dos trabalhos em torno de Eça, é sabido também que o Professor se dedica aos estudos de narratologia, sobretudo àqueles que abordam os processos de figuração da personagem em textos ficcionais. Esse trabalho culminou no projeto Figuras da Ficção, que tem ganhado muita projeção tanto em Portugal quanto no Brasil, onde o professor já lecionou. Poderia nos dizer quais demandas motivam essa investigação, como ela surgiu e quais são os contributos teóricos e metodológicos que têm emergido desse trabalho?*

Carlos Reis – O projeto *Figuras da Ficção*, que recentemente relancei com a ajuda de colegas e de estudantes de pós-graduação, trata de estudar a personagem e os seus modos de figuração. Isto é: procuramos saber como, em diversos tempos e em diversos gêneros narrativos, se processa a construção da personagem, nos planos ficcional e discursivo. De certa forma, trata-se de “recuperar” uma categoria narrativa que o estruturalismo e mesmo a narratologia tinham subalternizado e que os modernos estudos narrativos recuperaram. Não o fizeram, contudo, sem extensões interdisciplinares que colhem importantes contributos de domínios teóricos e operatórios como as ciências cognitivas, os estudos culturais, os estudos mediáticos, os estudos femininos ou a retórica. No seu termo final, o projeto *Figuras da Ficção* pretende chegar à composição de um dicionário de personagens da literatura portuguesa.

Paulo Silva – *Ainda a respeito do projeto Figuras da Ficção, o Professor Carlos Reis poderia nos dizer sobre os novos trabalhos desenvolvidos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra? Quais são os planos para o futuro e o percurso a ser seguido até lá?*

Carlos Reis – Como já disse, o projeto *Figuras da Ficção* conta com a ajuda de alunos de pós-graduação que estão sendo integrados nos trabalhos em curso (*workshops* regulares, colóquios, mais tarde o dicionário, etc.). Na Faculdade de Letras de Coimbra temos cada vez mais a preocupação de articular a pesquisa com o ensino de pós-graduação, no contexto do Centro de Literatura Portuguesa, unidade de investigação financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Por conta dessa articulação, acolhemos cada vez mais estudantes estrangeiros, em especial do Brasil.

Paulo Silva – *As discussões a respeito das relações entre os países de língua oficial portuguesa culminaram, como se sabe, num conceito muito discutido e pouco resolvido: a lusofonia. Gostaríamos de saber qual é a posição que o Professor Carlos Reis assume com relação a esse conceito. Para o Professor, a lusofonia existe para além de uma língua (em) comum? Se existe, do que se trata? Como abordar a lusofonia e como correlacioná-la com a atualidade dos países de língua portuguesa?*

Carlos Reis – Apetece dizer o que já foi dito em situação similar: somos vários países divididos por um idioma comum. Quero dizer: a língua portuguesa é *oficialmente* o idioma comum aos oito países que assim o reconhecem, mas isso não invalida diferenças que são naturais e aceitáveis como manifestação



de singularidades que não podem ser contrariadas. Entretanto, importa assegurar, em particular no campo da cooperação educativa e cultural, que o português se consolide como língua oficial desses países (às vezes convivendo com idiomas autóctones), com ou sem a “marca” da lusofonia. Este é um termo, digamos, “conveniente”, mas não isento de conotações às vezes difíceis de aceitar fora de Portugal.

Paulo Silva – *Na relação entre as artes do século XIX e a ideia de lusofonia, é possível pensar que tal época contribuiu para a construção mais acertada desse conceito? Se sim, como isso ocorreu?*

Carlos Reis – O século XIX (e até o século XX) foi um tempo em que a noção de *metrópole* era ainda muito forte. Como tal, esse não foi o tempo para se entender o idioma como patrimônio coletivo e correlacionado com um ideário (o da *lusofonia*), então impensável. O Brasil recebia e acolhia o que se fazia, em termos literários e culturais, em Portugal e na Europa e pouco dava em troca, a não ser uma visão do mundo cuja autenticidade tinha uma marca *indianista* que tardou em ser superada. Aí chegou Machado de Assis e a literatura brasileira não só se modernizou, como antecipou tendências e processos que na Europa estavam por surgir... Só algum tempo depois fizemos justiça a esse impulso inovador. África – quero dizer: a África colonizada pelos portugueses – era um imenso território por descobrir, para além da franja litoral. Quando quisemos fazê-lo, já em final do século XIX, percebemos dramaticamente que outros poderes se levantavam contra esse impulso tardio. Nesse tempo, a *lusofonia* estava por inventar...

Entrevista recebida em 15/03/2013.
Aceita para publicação em 20/04/2013.

Paulo Geovane e Silva

Graduado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Literatura Brasileira e Comparada pela Universidade de Coimbra (Portugal). Doutorando em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela mesma universidade europeia, com a pesquisa. Atualmente, desenvolve a tese intitulada *Gênero, Escrita e Memória: espaços de subjetividade na poesia africana de autoria feminina em língua portuguesa*, sob orientação do Prof. Dr. Pires Laranjeira. É membro em formação do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra (CLP-UC). Professor de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa para alunos do Ensino Médio em, Belo Horizonte-MG. Atualmente, dentre outros trabalhos previstos para serem lançados em 2014, está organizando um livro em parceria com pesquisadores da Universidade de Évora (Portugal), no qual publicará o artigo "Dar corpo à memória: a poesia de Paula Tavares e as encenações do feminino".

E-mail: paulogeovanesilva@gmail.com